



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JACIRA RODRIGUES ARAÚJO

**UMA REFLEXÃO SOBRE A INDISCIPLINA NO COTIDIANO DOS
ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ALTERNATIVAS PARA
PREVENÍ-LAS E COMBATÊ-LAS**

**Campina Grande – PB
2018**

JACIRA RODRIGUES ARAÚJO

**UMA REFLEXÃO SOBRE A INDISCIPLINA NO COTIDIANO DOS
ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ALTERNATIVAS PARA
PREVENÍ-LAS E COMBATÊ-LAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

Campina Grande – PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663u Araújo, Jacira Rodrigues de.
Uma reflexão sobre a indisciplina no cotidiano dos anos finais do ensino fundamental [manuscrito] : alternativas para preveni-las e combatê-las / Jacira Rodrigues de Araujo. - 2018.
30 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Ensino fundamental. 2. Indisciplina. 3. Escola. 4. Processo ensino/aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 372

JACIRA RODRIGUES ARAÚJO

UMA REFLEXÃO SOBRE A INDISCIPLINA NO COTIDIANO DOS ANOS FINAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL: ALTERNATIVAS PARA PREVENÍ-LAS E
COMBATÊ-LAS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
ao Departamento de Educação da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 10/12/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Orientadora – UEPB


Prof. Dra. Nelsania Batista
Examinadora- UEPB


Prof. Ma. Maria Lucia Serafim
Examinadora – UEPB

Campina Grande – PB
2018

Dedico

A Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa. Seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar realidade e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

Agradecimentos

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e chegar ate aqui.

A minha família que esteve sempre presente ao meu lado em cada momento.

A esta universidade UEPB, seu corpo docente e as colegas que obtive ao longo do curso.

A minha orientadora a Professora Maria do Socorro Moura Montenegro, pelas suas orientações e correções;

A Professora Célia Maria de Assis, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube e pelos seus incentivos.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

*O educador deve conhecer o dia-a-dia do aluno,
porque é nessa realidade que o aluno desenvolve seus
instintos e desabrocha a indisciplina.*

Paulo Freire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 REFERENCIAL TEÓRICO	09
1.1 OS DESAFIOS DA DISCIPLINA EM SALA.....	09
2 METODOLOGIA.....	14
2.1 UNIVERSO/PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	14
2.2 COLETA DE DADOS	14
2.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	15
3 COMPREENDENDO E INTERPRETANDO OS DIZERES DOS PROFESSORES SOBRE A INDISCIPLINA NA ESCOLA.....	16
3.1 A INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	16
3.2 PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS NO AMBIENTE ESCOLAR.....	17
3.3 AS ORIGENS DAS DIFICULDADES ESPECIFICAMENTE EM SALA DE AULA	18
3.4 AS ATITUDES DE INDISCIPLINA MAIS COMUNS EM SALA DE AULA.....	18
3.5 CONSEQÜÊNCIAS DA INDISCIPLINA NO PROCESSO DE ENSINO. E APRENDIZAGEM	19
3.6 COMO SÃO DISCUTIDOS NA ESCOLA OS PRBLEMAS DA INDISCIPLINA	20
3.7 ALTERNATIVAS PARA COMBATER A INDISCIPLINA NA ESCOLA.....	21
CONSIDERÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

UMA REFLEXÃO SOBRE A INDISCIPLINA NO COTIDIANO DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ALTERNATIVAS PARA PREVENÍ-LAS E COMBATÊ-LAS

RODRIGUES Araújo, Jacira.¹

RESUMO

O presente estudo reflete sobre a temática da indisciplina e suas consequências no processo de ensino e aprendizagem, de alunos/as do 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, bem como, busca apresentar alternativas para preveni-las e combatê-las. O estudo ocorreu no período de março a maio de 2008, em uma escola pública, localizada em Campina Grande-PB, tendo como participantes três professores das referidas turmas. Para tanto, contou-se com o apoio de estudiosos no assunto como Vasconcellos (1999,1998); Aquino (2003,1998); La Taille (1999); Freire (2001, 1999), entre outros. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, fundamentada em Bogdan e Biklen (1994), que se caracteriza como um Estudo de Caso, segundo (TRIVIÑOS 2008). Portanto, considera-se a sua relevância no sentido de que a questão indisciplina em sala de aula se constitui um dos graves problemas e dificuldades da escola, necessitando ser enfrentado por todos os educadores, uma vez que compromete o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-Chave: Indisciplina. Escola. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O interesse em realizar um estudo referente à indisciplina no âmbito escolar partiu das vivências que temos como professora com alunas e alunos com esta faixa etária, em uma Escola Pública Municipal, localizada no município de Campina Grande que, por sua vez apresenta vários problemas comportamentais que vão da agressão verbal a física, logo, além de preocupar a classe docente dificulta a prática pedagógica dos educadores cujas consequências, entre outras, consiste em impedir o desenvolvimento satisfatório da aprendizagem do alunado.

A questão da disciplina se constitui na escola de suma importância, e necessário ato da comunidade escolar, uma vez que o uso dessa capacidade favorecer uma convivência saudável e harmoniosa. Diante disso, a disciplina implica uma perspectiva de respeito às regras indispensáveis para a harmonia social de um povo, de uma nação ou grupo e no caso da educação escolar refere-se ao desenvolvimento de comportamentos socialmente construídos e

¹ Aluna de graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

que contribui para o bem-estar do grupo e conseqüentemente ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos/alunas.

Nesse sentido, ao contrário de disciplina, a indisciplina tornou-se um tema bastante discutido no âmbito educacional, visto que ela é manifestada por um indivíduo ou um grupo com comportamento desviante e a incapacidade de se ajustar as normas e padrões adequados frente às regras dos ambientes seja escolar e social ou extraescolar. Nesse contexto, constitui-se em um desafio para o sistema educacional. Lidar com crianças e adolescentes que demonstram dificuldades em relação a obedecer a regras predeterminadas em sala de aula tem sido o desafio do século XXI.

Sendo assim, é importante esclarecer que regras adotadas nas diversas situações de aprendizagem através do afeto, do diálogo, do respeito entre educando educadores se torna algo que faz parte do cotidiano escolar, porém não tem sido fácil conquistar a compreensão de todos dos alunos em relação à importância do grupo viver e respeitar os acordos de convivência na escola.

Vale ressaltarmos ainda, que a indisciplina dentro da escola se refere ao desrespeito aos combinados e ao que foi estruturado, resultando em práticas que demonstram claramente ações daquelas pessoas comumente indisciplinadas. Assim, entendemos que, a indisciplina está relacionada com o não cumprimento daquilo que já foi acordado-estabelecido entre o grupo para determinado fim, como é o caso da escola e particularmente na sala de aula. Nessa perspectiva, a disciplina de forma implícita ou explícita é entendida a partir do respeito que as pessoas têm pelos instrumentos normativos construídos para regular as relações internas das instituições sociais.

Os problemas referentes ao rompimento da disciplina são de fato um dos problemas da atualidade, ainda bem que vem sendo questionados por todos os envolvidos no processo educacional e familiar, como algo preocupante, principalmente na área da educação. Devido ao crescimento assustador da indisciplina no ambiente escolar seja em escolas públicas ou privadas, marcada pela incidência de atitudes que compromete o ensino e a aprendizagem.

Diante disso, temos como questionamentos: o quê e como fazer para lidar com comportamentos diversificados existentes na sala de aula? Como promover a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos? Para tanto, o nosso **objetivo consiste em investigar as conseqüências da indisciplina no processo de ensino e aprendizagem, de alunos/alunas do 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental**, bem como, apresentar alternativas para preveni-las e combatê-las, em uma escola pública, localizada em Campina Grande-PB.

Para tanto, fazem parte da nossa pesquisa três professores que lecionam nas turmas de 3º, 4º e 5º ano, no turno da manhã, em um total de 120 alunos/alunas.

No sentido de desvendar o nosso objetivo, as análises e discussão sobre a temática em questão contamos com o apoio de estudiosos no assunto, entre outros, Vasconcellos (1999,1998); Aquino (2003,1998); La Taille (1999); Freire (2001, 1999), entre outros. Assim, procuramos fazer uma relação entre os autores estudados com às situações que envolvem o cotidiano escolar e as vivências dos alunos/alunas que apresentam comportamentos socialmente inadequados.

Enfim, na busca de encontrarmos respostas aos questionamentos propostos pela pesquisa, estruturamos o nosso trabalho da seguinte forma:

Na primeira parte abordamos a questão sobre os desafios da disciplina em sala de aula e a interferência na aprendizagem. Na segunda apontamos os procedimentos metodológicos. Na terceira apresentamos a análise e discussões dos dados. E, por fim, as nossas considerações finais.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 OS DESAFIOS DA DISCIPLINA EM SALA DE AULA

Historicamente a questão referente à indisciplina sempre existiu no ambiente escolar, embora, de diferentes maneiras, porém, diante das mudanças na sociedade contemporânea, como por exemplo, o desenfreado avanço nos meios de comunicação, principalmente os tecnológicos, que se bem trabalhados são preponderantes no processo ensino-aprendizagem, uma vez que ao possibilitar ao aluno e aluna o acesso as inúmeras informações em tempo recorde leva-os a curiosidade em perguntar, conseqüentemente em aprender, por isso, dificilmente o aluno/aluna aceita a desmotivação do professor; o menosprezo da sua capacidade de criar; a imposição de conteúdos como verdade única; enfileirados, em silêncio, durante horas e horas, copiando e decorando conteúdos fragmentados sem nenhuma relação com a sua realidade, em razão de uma disciplina.

No que diz respeito aos meios de comunicação, quando a criança não recebe a devida orientação, bem como, o acompanhamento de como usá-los ela passa a sofrer mudanças, especialmente nos valores éticos e morais, o que certamente ocasiona sérios e graves problemas de comportamento, seja no cotidiano familiar, seja no ambiente escola. Como exemplo a Televisão onde explicitamente,

É fácil observar a mudança ética e de valores através das novelas e dos noticiários em que há o superdimensionamento da vitória do desonesto, do charme, do mau caráter, da glória do bandido, das traições entre amigos e familiares, através de fatos de corrupção como rotina: da violência como o maior atrativo dos noticiários em que descrevem detalhes de um assalto, de um assassinato verdadeiras aulas, na melhor didática, servindo assim, de modelo para as crianças e jovens, deixando-os presos aos polos da violência, do sexo e da trapaça como maior incentivo à indisciplina, ao crime e a impunidade nas instituições escolares (WEISS, 2004, p. 12).

Visto dessa maneira, evidentemente, a televisão é um instrumento nefasto à vida do aluno/aluno, e, possivelmente uma das maneiras da expressão do seu comportamento, associado ao que assiste na TV e o autoritarismo do professor em sala de aula, aparentemente em alguns momentos demonstram passividade mantendo-se, em silêncio, no entanto, na maioria das vezes, essa passividade é um raivoso silêncio reprimido, em seguida, a agressão produzida pela imposição de uma metodologia tradicional (FREIRE; SHOR, 1994), que por privilegiar o autoritarismo, privilegia também a indisciplina escolar.

No entanto, nesse cenário é missão da escola encontrar alternativas para prevenir atos indisciplinados, como por exemplo:

Primeiro, por meio da recuperação de valores entre eles o respeito ao outro, que possibilita ao aluno/aluna, fundamentos imprescindíveis, isto é, regras e leis que definem deveres e direitos; na conscientização de uma tomada de consciência enquanto cidadão, não apenas com deveres e direitos, mas, também, aos limites aceitáveis a sociedade que se encontram inseridos; e, que os atos indisciplinados deve ser considerado uma realidade a ser enfrentada sem buscar culpados, mas, buscar parcerias com os diversos segmentos da sociedade e, principalmente com a comunidade escolar. Assim sendo, tornasse-a possível que,

Quando os professores de uma unidade escolar sentam juntos com seus alunos desconstroem e sabem reconstruir a plenitude da significação e dos tipos de disciplina, não apenas a aula corre mais fácil e a aprendizagem se concretiza de maneira mais saborosa, como alunos e mestres descobrem que reconhecendo a disciplina como ferramenta essencial nas relações interpessoais, aprende autonomia, exercitar a firmeza e ajudam seus alunos a, com mais dignidade, construir seu caráter (ANTUNES 2005, p.32).

Partindo desse pensamento, onde a autonomia pedagógica do aluno/aluna esta interligada a participação de um trabalho em grupo, e o professor o mediador em favor de um ambiente respeitável, responsável, saudável, harmonioso, em que cada um pode livremente expor as suas ideias, embora diferente dos demais, “a liberdade é o fundamento da autoridade e a responsabilidade é a síntese da autoridade e da liberdade” (LIBANEO, 1994, p. 251).

Prosseguindo a nossa reflexão acerca da indisciplina os autores a seguir apresentam o seguinte: a perspectiva de Rego (1996), e que os comportamentos disciplinados e indisciplinados são como algo aprendido e tais atitudes não resultam apenas de fatores isolados, mas, de uma multiplicidade de influências que recaem sobre a criança e o adolescente durante o seu desenvolvimento e, a de Vasconcellos (1999) ao enfatizar que não se podem mudar as pessoas nem o mundo, mas é possível modificar a maneira dos relacionamentos entre as pessoas, tendo a responsabilidade de respeitar as regras para que todos tenham um bom convívio social, pois a disciplina é um processo gradativo que facilita a relação professor-aluno e, ainda a de Aquino (2003), em que a maioria dos professores não sabe lidar com o ato da indisciplina, entre outras, porque são tratados com autoritarismo e não com autoridade. A autoridade bem exercida com firmeza, porém com afetividade é uma excelente maneira de desenvolver no aluno/aluna uma postura disciplina favorável à aprendizagem.

A questão não é que o professor deve ter cada vez menos autoridade. Para mim, o importante é que o professor democrático nunca, realmente nunca, transforme a autoridade em autoritarismo. Ele nunca poderá deixar de ser uma autoridade, ou de ter autoridade. Sem autoridade, é muito difícil modelar a liberdade dos estudantes. A liberdade precisa de autoridade para se tornar livre. (FREIRE, SHOR, 1994, 115).

Segundo, uma prática pedagógica comprometida com desenvolvimento social e crítico do aluno/aluna, alicerçada no diálogo, diálogo impedido por aquele professor, inseguro e autoritário. Porém vale salientar que o diálogo deve ser,

[...] entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte do nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos. [...] na medida em que somos seres comunicativos, que nos comunicamos uns com os outros enquanto nos tornamos mais capazes de transformar essa realidade, somos capazes de saber que sabemos, que e algo mais do que só saber (FREIRE; SHOR, 1994, p. 123).

Com isso percebemos que, quando os professores estabelecem com seus alunos/alunas, relações por meio do diálogo, naturalmente os problemas de indisciplina possam a ser resolvidos de maneira democrática, resultando em uma convivência harmoniosa entre professor-aluno.

Para tanto é preciso que os professores incorporem uma nova postura, alicerçada no respeito mutuo, onde os alunos/alunas sejam respeitados e compreendidos não mais como

sujeitos subservientes ou como adversários que devem ser vencidos ou dominados, mas, como sujeitos que pensam, criam e recriam o conhecimento, obviamente são partes integrantes do processo ensino e aprendizagem. Isso implica dizer que é fundamental o professor agir de maneira coerente, por exemplo, respeitando alunos/alunas, impedindo privilégios nem para si mesmo ou de alguns. Tal postura, na realidade não é fácil de ser alcançada, mas é possível quando construída em grupo.

Terceiro não é possível esquecer que, embora as orientações sejam para a realização dos trabalhos em grupos, a escola precisa de regras e normas que orientem o seu funcionamento e a convivência entre os grupos, sejam os alunos, seja, a comunidade escolar. Para tanto se torna imprescindível à elaboração de um projeto de escola, com a responsabilidade de proporcionar aos alunos/alunas uma interação e, uma reflexão sobre os valores éticos e morais necessários para a vida. E que estes sejam inseridos nos conteúdos abordados das diferentes áreas de conhecimentos e, nas relações interpessoais existentes na escola. Sendo assim, as aulas devem contemplar os temas transversais e conteúdos voltados para o dia-a-dia dos alunos, através do diálogo e de reflexões críticas. Que a comunidade escolar tenha voz para dizer, participar, também ouvir, aceitar, discordar, desde que haja respeito com as ideias dos outros. Logo, um projeto onde a escola passe a ser um lugar para o conflito, porém com o diálogo para a busca de alternativas, de desorganização e a reorganização, de criatividade, tolerância solidariedade. Enfim, uma escola onde o aluno/aluna participe efetivamente na construção e reconstrução do seu conhecimento e do seu compromisso como cidadão.

Segundo Aquino (2000), não é apenas através de regulamentos e ameaças que obteremos a disciplina escolar, ao contrário ela é o resultado de acordos feitos entre professores e alunos. É fundamental um diálogo respeitoso entre as partes esclarecendo o que esperam um dos outros.

Destacamos ainda que as regras existem e devem ser cumpridas não só pelo aluno/aluna, mas, pelos professores e todos que fazem parte do ambiente escolar, assim sendo certamente haverá uma democracia onde todos se respeitem, onde a escola efetivamente exerce o seu papel, com medidas educacionais formadoras, com limites, isto é, que a criança interiorize a ideia que nem sempre pode fazer tudo que deseja, porque antes de tudo é preciso respeitar o direito do outro, da alteridade. Outro fato marcante é a família que deve exercer o seu papel de formadora de cidadãos, entendendo que amar os filhos não é satisfazer todos os seus desejos. À medida que se adota uma postura de responsabilidade contribui para a formação de indivíduos conscientes e éticos. Desse modo,

Essa proposta apoia-se na premissa de que a participação da educação escolar na construção da democracia e da cidadania deve se dar enfoque aos conteúdos estritamente vinculados ao cotidiano, às preocupações sociais e aos interesses da maioria da população diferentemente do ensino tradicional (ARAÚJO 2001, p. 16).

Logo, considerando que a educação tem o poder de transformação e construção da ética social é preciso recuperar o sentido do estudo e do conhecimento valorizando os interesses e as necessidades dos alunos/alunas em prol de uma sociedade menos injusta e desigual. Assim, é necessário que as instituições promovam uma educação com a finalidade de formar cidadãos críticos e capazes de atuar na sociedade e transformar os paradigmas que propagam a exclusão social.

Para La Taille (1999, p.28), “se a escola e sua relação com as famílias e a sociedade fossem realmente democráticas, a autoridade dos professores permaneceria existindo, mais justa, mais respeitosa e mais esclarecida do que antes, mas mesmo assim presente”. Para que isso aconteça, alunos/alunas precisam ser orientados pela família e pela escola, a pensar, a refletir sobre a realidade onde se encontram inseridos, daí a importância de respeitá-los, pressuposto para que possam a viver em sociedade. O respeito ao outro, proporcionar uma relação afetuosa e prazerosa.

Logo, necessário se faz que o professor reflita sobre as suas ações reconheça o seu papel dentro da sala de aula, como agente de transformação, no intuito de colaborar na formação dos novos sujeitos. Para isso é preciso compreender o processo educativo como desenvolvimento da capacidade humana, de mudança da realidade e da importância de sua contribuição para a transformação de uma sociedade mais justa.

Portanto, a recuperação dos valores em especial o respeito ao outro, por meio de uma prática pedagógica alicerçada na autoridade e no diálogo são os pilares do nosso trabalho para amenizar a indisciplina em sala de aula. Nesse sentido, os estudos de Piaget sobre a questão da moralidade infantil consideram que a moral como aquilo que se refere ao que se deve fazer ou não, por ser considerado certo ou errado sem imposição alheia. Na realidade, esses fatores perpassam três etapas distintas: anomia representa a princípio um ambiente sem leis; no caso da heterônoma diz respeito ao processo onde a criança é governada pela a opinião dos outros; e na autonomia, a criança governa a si mesma.

Ainda dentro desse contexto escolar o papel do professor é mediar à solução dos conflitos que surgem entre as crianças no sentido de que elas consigam chegar a uma

conclusão. É fundamental que as crianças sejam levadas a refletirem sobre os conflitos e as questões que surgem no ambiente escolar também de tolerância. As ações do professor devem levar as crianças a pensar democraticamente.

Desse modo, o comportamento inadequado das crianças deve ser combatido da seguinte forma: criar o vínculo de afeto com a criança; construir um ambiente pautado no respeito mútuo; utilizar uma linguagem construtiva; tratar a criança com respeito. Ou seja, o professor deve dar o exemplo este é um processo de construção de comportamentos.

Compreende-se que um ambiente democrático remete a importância de um local de tomada de decisões pensada a partir da rotina, compartilhada por materiais adequados. Além disso, a criança precisa refletir sobre os diferentes pontos de vista, por isso, é importante trabalhar na escola em grupo. Nesse sentido, o professor deve desenvolver intervenções construtivas colaborando assim para uma moralidade com autonomia, reciprocidade e construir um adulto com autonomia e não embasado na heterônoma.

Entretanto, é tarefa da família e da escola educar no sentido de respeito à disciplina a fim de proporcionar as crianças o aprendizado do limite através de uma relação afetuosa e prazerosa. Por conseguinte os estudos de Piaget (1999) enfatizam a importância das questões referentes ao desenvolvimento do pensamento e dos valores morais que assumem destaque a partir das mudanças de faixa etária das crianças.

- *Construção do pensamento e dos valores morais*

Assim, sendo, a partir dos estudos de Piaget (1999) fundamental para o entendimento das questões referentes aos objetivos deste estudo destacamos inicialmente que a construção do pensamento sofre influência da linguagem e da socialização podendo contribuir para antecipar as ações futuras das crianças. Nesse sentido, a socialização e as ações do pensamento não pertencem exclusivamente ao **EU** que os concebe, mas, a um plano de comunicação que reproduz sua importância frente a uma coletividade.

Sendo assim, no período entre (02) dois a sete (07) anos dá-se a transição entre duas formas extremas de pensamento que se apresentam inseridas na questão da assimilação dos pensamentos onde o egocentrismo é excluído. Assim, o pensamento presente adaptado ao real prepara outro pensamento lógico. Esses dois se encontram oscilando entre direções contrárias.

Compreende-se que, as transformações provenientes das ações de socialização não têm importância apenas para a inteligência ou o pensamento, mas repercutem na vida afetiva dos indivíduos. Esse autor também destacou **três novidades afetivas essenciais para**

compreensão do ser criança a partir do fator psicológico. Ou seja, o desenvolvimento dos sentimentos interindividuais (afeições, simpatias e antipatias); a socialização das ações, o surgimento dos sentimentos morais intuitivos, provenientes das relações entre adultos e crianças; suas regularizações de interesses e valores, ligadas às do pensamento intuitivo em geral dão formas ao novo pensar das mesmas.

Por conseguinte, o sentimento da simpatia faz com que todos os valores das crianças sejam moldados segundo a imagem do seu pai e da sua mãe. Por isso, a construção e o reconhecimento do respeito são introduzidos e produzidos mediante os aspectos morais aprendidos.

Nesse sentido, o processo **de socialização da criança** depois dos sete anos de idade promove a sua capacitação para cooperar porque ela não confunde mais seu próprio ponto de vista com os dos outros. Por isso, é possível elas poder compreenderem os diálogos seja em casa ou na escola. Desse modo, a linguagem egocêntrica tende a desaparecer quase totalmente.

Vale ressaltar nesse momento o surgimento das mudanças no comportamento da criança. Ela já consegue cumprir regras e pensar antes de agir. É comum que a afetividade e a cooperação sejam cada vez mais aprimoradas com autonomia nesse período.

Nesse contexto, o **pensamento da criança conforme** Piaget (1999) explica desenvolve-se e aparecem novas formas de pensar e na maioria das vezes é procedente das etapas do desenvolvimento anteriormente já produzido, embora modificadas. Quanto à afetividade surgem novos sentimentos morais devido a uma organização da vontade levando a integração do **EU**.

Sendo assim, a construção do pensamento e do que seja importante respeitar como aspectos morais para a criança se manifesta na obediência dos padrões e regras. Sendo assim, o primeiro critério do bem se dá dependente de um conhecimento pautado naquilo que os pais respeitam. É na segunda infância que ocorre uma modificação decisiva no desenvolvimento mental. Dessa forma, se dá o aparecimento das novas formas de organização quer seja da inteligência ou da vida afetiva das relações sociais ou da atividade individual. Enfim, o respeito se conduz através das várias formas de sentimentos morais, diferente da obediência que conduz a uma organização de valores morais, éticos e sociais.

Nesse sentido, é possível pensar o que é de fato indisciplina? Por isso, enfatizaremos a seguir alguns conceitos que consideramos de suma importância para compreensão desse complexo fenômeno que ocorre no âmbito escolar e sem solução a curto prazo.

- *O que é indisciplina?*

Para que se possa avançar nas reflexões, é preciso entender que a indisciplina é a transgressão de dois tipos de regra. Em primeiro lugar são as morais, construídas socialmente com base em princípios que visam o bem comum, ou seja, em princípios éticos. Por exemplo, não xingar e não bater. Sobre essas, não há discussão: elas valem para todas as escolas e em qualquer situação. O segundo tipo são as chamadas convencionais, definidas por um grupo com objetivos específicos. Aqui entram as que tratam do uso do celular em sala de aula e da conversa, por exemplo. Nesse caso, a questão não pode ser fechada. Ela necessariamente varia de escola para escola. Afinal o diálogo durante a aula pode não ser considerado indisciplina se ele se referir ao conteúdo tratado no momento.

Nesse contexto, é possível dizer que não é fácil distinguir entre moralidade e convenção. Frequentemente, mistura-se tudo em extenso regimento que pouco colabora para manter o bom funcionamento da instituição e o clima necessário a aprendizagem em sala de aula. As crianças não enxergam a utilidade de um regimento ou dos famosos combinados que não se sustentam, elas não sentem a necessidade de respeitá-los e acabam até se voltando contra essas normas.

Além disso, a situação piora ainda mais se essas convenções se baseiam em permissões, proibições e castigos sem nenhum tipo de negociação. Se isso funcionasse, as escolas estariam todas em paz. Esse caminho é o mais comum e tão claramente ineficaz como se tem constatado nas escolas como um todo.

- *Sem a intervenção do professor, a criança não aprende o valor das regras*

Entende-se que, o movimento contínuo de construção e reavaliação de regras, mais o respeito a elas, é à base de todo convívio em sociedade. Da mesma forma que os conflitos nunca vão deixar de existir na vida em comunidade como no contexto escolar. Saber lidar com eles faz com que você consiga trabalhar melhor. Ensinar o tema aos alunos também é uma tarefa importante do professor.

Percebe-se que muitos professores esperam, sem razão, que essa formação moral seja feita 100% pela família. Não se trata de destituí-la dessa tarefa, mas é preciso enxergar o espaço escolar como propício para a vivência de relações interpessoais.

As questões ligadas a moral e a vida em grupo devem ser tratadas como conteúdo de ensino. Caso contrário, corre-se o risco de permitir que as crianças se tornem adultos autocentrados e indisciplinados em qualquer situação, incapazes de dialogar e cooperar.

- *Como agir para combater a indisciplina? Agir sobre a consequência ou identificar a(s) causa(s).*

Saber como o ser humano se desenvolve moralmente é essencial para encontrar as raízes da indisciplina. Antes de entender por que precisam agir corretamente, as crianças pequenas vivem a chamada moral heterônoma, ou seja, seguem regras a risca, ditadas por terceiros, sem usar a própria consciência para reelaborá-las de acordo com a situação. Por exemplo: se elas sabem que não se deve derramar água no chão, julgam o fato um erro mesmo no caso de um acidente. Nessa fase, a autoridade é fundamental para o bom andamento das relações.

Segundo Piaget (1970), por volta dos 9 anos de idade, abre-se espaço para a moral autônoma, quando o respeito mútuo se sobrepõe a coação. Mas a mudança não é mágica. Piaget (1999) questionava a possibilidade de a criança adquirir essa consciência se todo dever sempre emana de pessoas superiores. Assim, é possível dizer que a autonomia só passa a existir quando as relações entre crianças e adultos e delas com elas mesmas são baseadas, desde a fase heterônoma, na cooperação e no entendimento do que é ou não é moralmente aceito e por quê. Sem isso é natural que, conforme cresçam mais indisciplinados fiquem os alunos.

Nesse sentido, a atuação docente inadequada em sala é uma causa também para o estudo da indisciplina. Embora os professores anseiem por uma solução, acham-se perdidos por não poder agir com a rigidez de antigamente, que permitia até alguns castigos físicos. A autoridade do professor perante a classe é conquistada quando ele domina o conteúdo e sabe lançar mão de estratégias eficientes para ensiná-los. Se não, como bem afirma Adler (1999), a educação se reduz ao ato de o aluno transcrever o que está no caderno do professor sem que nada passe pela cabeça de ambos. O resultado é o tédio. E gente entediada busca algo mais interessante para fazer, o que muitos confundem com indisciplina. A escola é, sem dúvida, a instituição do conhecimento, mas é preciso deixar espaço para a ação mental da turma.

Dessa forma, olhar pra a sala de aula tendo como base essa concepção de indisciplina faz diferença. Os benefícios certamente serão maiores se houver o envolvimento institucional. Por isso, o trabalho exige não apenas autorreflexão, mas também formação e esforço de

equipe. Para transformar o ambiente, o discurso tem de ser constante e exemplificado por ações de todos necessário.

Assim sendo, um dos maiores desafios para o professor é construir um ambiente cooperativo. É importante dar voz aos alunos, que eles sejam respeitados e aprendam a respeitar. Isso faz com que o comportamento seja adequado naturalmente e não por medo de punições. Os problemas de comportamento podem ser um jeito de as crianças mostrarem ao professor que uma regra é desnecessária ou não está funcionando. Em outras situações, elas esperam chamar a atenção e solicitar que o docente se aproxime e se interesse pelas ideias delas.

Portanto, ao promover um ambiente em que atitudes como essas sejam o padrão, a criança vai, aos poucos, adquirindo autonomia e ficando mais apta a tomar decisões responsáveis. Cada aluno em diferentes situações coloca sempre novos desafios. Ele necessita de referências e de orientação. O que ele espera é ajuda para pensar. É importante que alguém na escola (no caso o professor) coloque as regras, até que, efetivamente convictos, crianças e adultos possam, gerenciá-las e, de forma autônoma, viver bem em sociedade.

2 METODOLOGIA

Com o objetivo de alcançarmos o que propomos na pesquisa, isto é, investigar as consequências da indisciplina no processo ensino e aprendizagem, de alunos/alunas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, bem como, apresentar alternativas, em uma escola pública, localizada em Campina Grande-PB, torna-se indispensável, definirmos o método de estudo, considerando que é através dele que podemos cientificamente, a obtenção e a análise dos dados.

Para a realização da referida pesquisa nos deram sustentação a metodologia qualitativa, por ser “uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais” Bogdan; Biklen (1994, p.11), que se caracteriza como um Estudo de Caso, isto é, uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Esta definição determina suas características que são dadas por duas circunstâncias: Por um lado, a natureza e a abrangência da unidade. Por outro, a sua complexidade está determinada pelos suportes teóricos que servem de orientação em seu trabalho ao investigador. Para o referido autor, o Estudo de Caso é uma das relevantes características da pesquisa qualitativa.

2.1 UNIVERSO/PARTICIPANTES DA PESQUISA

O universo da pesquisa consiste uma Escola Pública Municipal, localizada na cidade de Campina Grande-PB, composta por uma diretora geral, uma diretora adjunta, 10 professores, 120 alunos, 05 funcionários. O seu funcionamento dá-se em 02 turnos: manhã e tarde. Realizamos a referida pesquisa no período de março a maio de 2018.

Quanto aos participantes da pesquisa são 03 professores que ministram suas aulas no ensino fundamental, nas turmas de 3º ano com 23 alunos e no 4º ano com 19 alunos/alunas e o 5º ano, 30 alunos/alunas, no turno da manhã. Os professores são 02 do sexo feminino e 01 do sexo masculino. Eles possuem formação acadêmica em: Licenciatura em Pedagogia com o tempo serviço entre 15 e 20 anos.

No intuito de mantermos o respeito à individualidade de cada participante, na análise dos dados, denominamos por D1; D2, D3 os docentes pesquisados.

2.2 COLETAS DE DADOS

Para a coleta de dados utilizamos o **questionário**, haja vista ser “constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” Marconi; Lakatos (2003, p. 201), ou ainda, porque, “permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais convenientes; e não expõe os pesquisados a influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado” (GIL, 2007, p. 129), elaborado com questões abertas, simples, a fim de possibilitar aos participantes, respostas espontâneas sem qualquer persuasão da nossa parte.

Os questionamentos adotados às professoras são os seguintes:

Visão pessoal do problema de indisciplina na escola; dificuldades enfrentadas no exercício de suas funções; atitudes com os alunos diante de indisciplina em sala de aula e na escola; a indisciplina no ambiente prejudica a aprendizagem dos alunos.

2.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise e a interpretação em uma pesquisa qualitativa, para que tenham valor científico, devem reunir certas condições, entre elas a coerência, a consistência, a originalidade, de modo a constituir por um lado, os aspectos do critério interno da verdade, e, por outro, apresentar contribuições científicas. Triviños (2008). Isto posto, realizamos tanto a análise, como a interpretação, procurando um equilíbrio, de modo que os resultados apresentem-se reais e significativos, ao nosso objetivo de pesquisa, Gil, (2007).

Para tanto priorizamos a organização, e avaliação das informações, contidas nos questionários, descrevendo-as, e ao mesmo tempo, interpretando-as, com o apoio dos estudiosos no assunto. Isto feito nos proporcionou conhecer as opiniões das professoras, sobre o problema da indisciplina na sala de aula e na escola. Evidentemente, em uma pesquisa qualitativa, os resultados não se generalizam, contudo, a referida pesquisa nos possibilitou uma compreensão melhor, acerca do problema da indisciplina no ambiente escolar.

Portanto, esta é a nossa caminhada metodológica, que além de nos auxiliar na condução do estudo em pauta, nos fez acreditar na relevância dos resultados.

3 COMPREENDENDO E INTERPRETANDO OS DIZERES DOS PROFESSORES, SOBRE A INDISCIPLINA.

Esta parte do nosso trabalho consiste na análise e interpretação dos dizeres dos três professores denominados de D1. D2. D3, sobre a indisciplina no ambiente escolar, obtidos por meio de questionário.

O perfil dos professores participantes da pesquisa, com as suas respectivas turmas: Professor D1 leciona no 3ºano, o professor D2 no 4ºano e o professor D3 no 5ºano.

Iniciamos a nossa compreensão e interpretação sobre o que pensam os professores acerca da indisciplina no ambiente escolar a partir dos autores estudados na fundamentação teórica, uma vez que consideram a indisciplina um dos problemas que mais angustiam os profissionais da educação, por exemplo, para Aquino (2003), a indisciplina é uma das queixas do cotidiano não só dos professores, mas também dos pais. Diante dessa questão a família, e a escola como instituições educadoras precisam estar comprometidas com uma educação democrática, preparando cidadãos conscientes e transformadores.

3.1 A INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR:

São opiniões unânimes nas seguintes respostas: sentem-se inquietos com os problemas da indisciplina dos alunos em sala de aula, sobretudo, porque os gestores e, os que fazem parte da escola, por desconhecerem as vivências da sala de aula, consideram como falta de controle, quando na realidade é o contrário, queremos controlar, mas devido às questões políticas da Secretaria da Educação e dos gestores, em não intervir no sentido de colaborar com nos professores, por medo de represálias ou a existência de uma legislação vigente que protege de maneira exagerada as crianças, a escola está refém dos desmandos indisciplina.

De acordo com o que pensam os professores sobre as questões acima descritas fica claro que em nenhum momento reconhecem que as dificuldades possam ser advindas de sua própria prática pedagógica, ou seja, como estão planejados, como estão organizando e avaliando o seu trabalho juntamente com os alunos/alunas, assim sendo, procuram eximir-se de suas responsabilidades atribuindo a culpa ao outro, nesse caso ao gestor e a Secretaria de Educação. Porque o professor não faz uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de,

[...] discutir com os alunos a realidade concreta que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? (FREIRE, 2009, p.30).

A partir do momento em que os problemas são discutidos em sala, entre professor/aluno, os conteúdos são relacionados ao o contexto eles/elas estão inseridos, o respeito às suas individualidades, o respeito aos seus conhecimentos e a sua realidade de vida, obviamente alternativas são encontradas. Nesse momento o respeito ao outro é indispensável.

3.2 PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS NO AMBIENTE ESCOLAR.

As respostas dos professores consistem em:

Indisciplina; comportamento agressivo e hiperatividade; Falta de interesse dos alunos com os estudos; Ausência dos pais no processo de aprendizagem; Desorganização do aluno; Falta de recursos para determinadas atividades; Desvalorização da escola; Falta de ajuda dos técnicos pedagógicos;

No que diz respeito à indisciplina, o comportamento agressivo e hiperatividade, eles consideram que essas atitudes atrapalham o andamento das atividades na sala de aula interferindo no processo de ensino e aprendizagem.

Quanto à falta de interesse dos alunos em relação aos estudos, os mesmos estão desmotivados e isso reforça o que diz Araújo (1999), os docentes devem trabalhar conteúdos significativos que sejam do interesse dos alunos e dentro de sua realidade.

É importante destacar ainda que as dificuldades enfrentadas pelos professores estão voltadas para a ausência dos pais no processo de ensino e aprendizagem. Estes evidenciam que a participação da família é de grande importância para o desenvolvimento do aluno/aluna.

Além disso, a desorganização dos alunos e o excesso dos mesmos em sala de aula, além da falta de recursos para determinadas atividades, conseqüentemente a falta de apoio ao professor, seja em relação à parte técnica/administrativa, no sentido de colaborar a fim de

minimizar a indisciplina na escola, deixando a cargo exclusivamente do professor como único responsável.

Ainda destacam a falta de um Projeto Político Pedagógico consistente e um acompanhamento técnico por serem os problemas que persistem na escola sem solução. Para Passos (1999), qualquer projeto político pedagógico a ser desenvolvido na escola deve ser a expressão do seu cotidiano e para isso a escola precisa de organizar e buscar compartilhar as responsabilidades, ou dito de outra maneira, desde que seja,

[...] entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento participativo que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo e a ação educativa que se quer realizar. É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade (VASCONCELLOS, 1999, p.169).

Uma vez que não se trata de um projeto estático, sem flexibilidade, mas de um projeto capaz de contribuir para a formação de identidades dos seus alunos/alunas, de orientar no sentido de fortalecer os valores e, intervir à medida que se faz necessário, tendo sempre em consideração os contextos socioculturais dos seus alunos/alunas.

Partindo dessas premissas, o professor deve procurar,

[...] trabalhar e problematizar os valores, as normas e atitudes de cada criança para o desenvolvimento da coletividade, exercitando com os alunos e alunas, o princípio da cidadania, promovendo o espírito crítico e de observação, estimulando a capacidade de reflexão ao discutir temas como: democracia, igualdade de direitos, participação na vida social (ZEN, 2002, p.68).

A partir de um trabalho onde há discussões em torno dos princípios democracia, cidadania, direitos e deveres, sem dúvidas, a sala de aula passa ser um espaço com a participação dos alunos/alunas e, a escola, o lugar com possibilidades, mesmo que lentamente, de harmonia, sem violência.

Para uma melhor compreensão acerca desse assunto, consideramos pertinente compreendermos as causas dessas dificuldades vivenciadas pelos professores, especificamente em sala de aula.

3.3 AS ORIGENS DAS DIFICULDADES ESPECIFICAMENTE EM SALA DE AULA.

Há unanimidade nas respostas dos professores pesquisados sobre a origem das dificuldades vivenciadas por eles em sala de aula: os principais fatores que interferem

diretamente no processo de ensino e aprendizagem, são na realidade, acarretados pelos alunos/alunas que instigam a indisciplina e, além de se prejudicarem, diretamente prejudica os que vieram para aprender, pois, deixando claro o seu desinteresse em aprender, isto é, ao mesmo tempo em que se prejudica, diretamente prejudica o outro, que veio para aprender. Sem uma ação efetiva de professor, gestor e aluno/aluna é muito difícil o professor sozinho solucionar essa questão.

São respostas semelhantes a da pergunta anterior, nesse caso, outra vez o assunto remete-se a importância da prática pedagógica apoiada nos valores, incorporado no projeto político pedagógico.

3.4 ATITUDES DE INDISCIPLINA MAIS COMUNS EM SALA DE AULA às respostas consistem em:

Agressões físicas brigas e verbais palavrões, apelidos, xingamentos; Falta de respeito ao professor, colegas e funcionários da escola; Conversas na hora da explicação; Desinteresse para realizar as atividades propostas mesmo quando lúdicas e tarefa de casa.

Tais atitudes são ressaltadas pelos ter professores. Para eles é muito difícil lidar com essas situações uma vez que atrapalham o processo de ensino e da aprendizagem, sem esquecer o tempo se perde muito tempo chamando atenção daquele que não veio com o objetivo de aprender. Segundo Aquino (1998) hoje o professor não é mais um encarregado de distribuir e fazer cumprir ordens disciplinares, mas um profissional cujas tarefas nem se quer se aproximam dessa função, disciplinadora.

Mesmo assim, a realidade da escola pesquisada apresenta,

[...] uma realidade social em que o enfraquecimento dos vínculos afetivos distancia as pessoas, em que os valores humanos abatem o sentido, em que o sentimento de comunidade e de partilha e a capacidade de viver junto se tornam cada vez mais deficientes (ROVERE, 2009, p.32).

A ausência da participação da família na escola, não para receber apenas comunicados referentes à indisciplina dos filhos, na maioria das vezes na presença de outras pessoas, mas em reuniões, desde a elaboração do projeto político pedagógico, até as mensais, onde, em conjunto discutem alternativas, inclusive encaminhamentos para outros profissionais, como psicólogos, psicopedagogos. Se a escola não tem em seu quadro de funcionário estes profissionais, o município, o estado e as universidades públicas disponibilizam estes atendimentos.

Outras propostas de atividades para trazer a família para a escola são palestrantes com temas relacionados às suas vidas; comemorações de datas significativas através de peças teatrais com a participação do aluno/aluna; gincanas, corais, são atividades que despertam a curiosidade e o interesse da família e do aluno.

3.5 CONSEQUÊNCIAS DA INDISCIPLINA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.

Quando indagados os professores afirmam que:

D1 Quando uma turma é indisciplinada ocorre um grande prejuízo no rendimento escolar, conseqüentemente é baixo, por mais que o professor seja aplicado, esta turma não terá êxito.

D2 Em situações de indisciplina o professor se desgasta emocionalmente deixa de dar aula para tentar normalizar a situação, trazendo prejuízos para a aprendizagem de todos. Prejudica muito. Já cheguei a dizer que hoje sou muito mais advogada, juíza, delegada do que professora. Sei que as orientações para a vida fazem parte do trabalho do professor-educador, mas quando esse trabalho toma a maioria do tempo em sala acaba por prejudicar. Muitas vezes se aplica ao professor toda a responsabilidade pela falta de atenção e interesse em sala de aula, mas as coisas não são bem assim.

A indisciplina em sala de aula causa bastante transtorno, tanto para o professor que não consegue interagir de maneira satisfatória com a turma. Acredito que a atenção, a concentração ajuda no desenvolvimento da aprendizagem, porém, se a indisciplina se torna predominante na sala, os alunos ficam desatentos e desinteressados. D3.

Em relação as professora D1e D3, são opiniões contraditórias, pois, é impensável aceitar que um professor comprometido com o processo do ensino e da aprendizagem, com a formação consciente do aluno/aluna, seja impedido de desenvolver seu trabalho teórico-prático em sala de aula. Um dos pressupostos essenciais para o referido comprometimento é a humildade, com a humildade é possível o professor reconhecer que ele não é dono do conhecimento considerando “que não há docência sem discência, as duas se explicam e seus

sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2009, p. 23).

Quanto à professora, D2, o discurso em alguns pontos assemelha-se as outras duas, no entanto, distingue-se quando chega ao extremo ao dizer que em sala de aula exerce muito mais as funções de advogada, juíza, delegada do que professora, deixando claro, que ao referir-se a esses profissionais a sua função é a de julgar, condenar, punir, características de uma prática tradicional, cuja metodologia é o autoritarismo.

3.6 COMO SÃO DISCUTIDOS NA ESCOLA OS PROBLEMAS DA INDISCIPLINA.

Para tanto, obtivemos opiniões semelhantes onde aponta como culpados os gestores, enaltecendo que estes precisam de competência, para que possam deixar de esquivar-se de suas responsabilidades, acusando o professor de não domar a sala de aula, além disso, que precisam de consciência que o cidadão se forma com regras e limites. Nesse processo, o professor é tão somente um aliado.

Mais uma vez são opiniões predominantemente autoritárias, porém com uma diferença assustadora quando uso “domar a classe”, ou seja, “domar aluno” domar significa amansar, domesticar, dominar. A vista disso, procuramos de certa forma levarmos em conta, que os professores talvez, desconhecem o significado da palavra domar, mesmo assim, não poderíamos deixar claro que, embora implicitamente, evidencia-se a ausência de respeito e de desprezo com que são tratados na sala de aula, conseqüentemente, estão cada dia mais revoltados.

3.7 QUAIS SÃO AS ALTERNATIVAS PARA COMBATER A INDISCIPLINA NA ESCOLA.

As opiniões consistem em:

D1 De certo modo, precariamente, quase indiferente. D1

D2 Não existem alternativas, porque os alunos já chegam com seus maus hábitos, comportamentos que passam a ser rotineiros para nós. A ponto de nos irrita.

D3 Todo ano o aluno indisciplinado é matriculado por que a Lei garante a ele o direito estudar, porém, na prática, ele não quer estudar. E assim, tornou-se normal o índice nas escolas públicas com baixa aprendizagem. Apesar da nossa competência, sozinhos não conseguimos resolver o problema da indisciplina em sala de aula, além disso, estamos em sala de aula, com mais de vinte alunos/alunas.

Enfim, novamente o discurso dos professores confirma a ausência de uma prática pedagógica alicerçada no respeito ao outro, ausência de humildade, tolerância, solidariedade, ausência de um projeto político pedagógico direcionado para os atos de violência na sala de aula, assim como em todo ambiente escolar. Embora, os professores elucidem que a violência tem se tornado algo banal, é imprescindível encontrar alternativas, se não extingui-la, por que é muito difícil, procurar amenizá-la, mesmo que seja em médio prazo.

Por conseguinte, pode-se acrescentar que, o papel da família na sociedade tem influenciado o comportamento das crianças e conseqüentemente têm modificando o ambiente escolar e o surgimento de vários problemas sociais. Percebe-se que, as crianças do século XXI convivem com o avanço tecnológico o que contribui para desenvolvimento da inteligência, do senso investigativo, a curiosidade sobre tudo, e a criatividade. Elas estão sempre conectadas em tudo que ocorre à sua volta e são impulsionadas a brincar com brinquedos interativos que estimulam o raciocínio lógico.

Atualmente não se veem crianças tímidas e retraídas, mas as que sabem conversar desde cedo, aprendem a falar, são mais coerentes, e se expressam de forma clara. No entanto essa nova geração segundo Tiba (2002) é incapaz “de lidar com frustrações, que se transpõe para nos relacionamentos sociais.” Sendo assim, quando não conseguem fazer algo que esteja muito difícil passa para outra em que são mais espertos, da mesma forma são os relacionamentos. Não necessitam frustrar com alguém, apenas deixam de lado e parte para outro alguém.

Dessa forma, o surgimento das mídias favoreceu o acesso às informações e as crianças desejam participar de forma efetiva na sociedade. Nesse contexto, Tiba (2002) considera que a culpa não é apenas da mídia, mas dos pais e das escolas, que introduzem o uso desses instrumentos de forma precoce em sua casa. Isso reflete na mente das crianças achando que já estão preparadas para obter um instrumento de amplo acesso a informação.

Entretanto, o grande obstáculo que as escolas vêm enfrentando são crianças curiosas que veem na televisão na internet e querem fazer igual, haja vista que devido às questões econômicas que muitas crianças das classes populares sofrem além do acesso as drogas é

outro assunto complexo que faz parte do cotidiano escolar, pelo fato de que, o uso de drogas lícitas ou ilícitas tem comprometido a educação de muitas crianças.

Portanto, é grande o desafio de educar. A informação que eles têm acesso fica difícil de como ensinar valores e comportamento autônomos as crianças. Por isso, os pais e a escola devem discutir sobre o conteúdo que as crianças assistem na televisão e o que estão acessando na internet, a influência dos dilemas sociais dificulta a manutenção da disciplina na escola impulsionando comportamentos de revoltas, agressões dentre outras ações que ocorrem como reflexo da péssima educação que pais e crianças apresentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa grande preocupação com esta pesquisa é a questão da indisciplina que atualmente no cotidiano escolar tem se tornado um dos maiores desafios para a grande parte dos professores que procuram uma maneira adequada de resolver o ato indisciplinado e parecem desanimar diante dos insucessos.

Os dados mostram que os professores pesquisadores D1, D2, D3, apontam vários problemas que enfrentam no seu fazer pedagógico e dentre eles se destaca a indisciplina no ambiente escolar. A maioria dos respondentes afirma que o comportamento indisciplinado dos seus alunos/alunos muito interfere no processo de ensino e aprendizagem, produzindo um baixo rendimento escolar.

Ademais evidenciam que a participação e colaboração da família, da gestão, equipe técnica é fundamental para a formação dos educandos de maneira satisfatória.

Podemos ressaltar que os professores são agentes de transformação na sociedade, mas, essa responsabilidade não é só da escola. A pesquisa revelou que os professores colocam sobre as questões externas o peso das dificuldades com a indisciplina no contexto escolar. Nesse sentido, esperamos que os gestores colaborem com ações efetivas que venham combater a falta de respeito, o descaso pela escola e, pelo cumprimento das normas.

De acordo com as teorias estudadas podemos enfatizar que fatores como postura do professor, ambiente familiar conflituoso, metodologia tradicional, isto é, uma prática pedagógica autoritária, impedindo o aluno/aluna de dialogar, criar participar, influencia o aluno/aluna a atitudes indisciplinadas na escola e na sala de aula.

Os resultados da pesquisa de acordo com os professores, as questões da indisciplina dos alunos/alunas estão atrelados as questões familiares, principalmente quando se refere a

falta de interesse dos alunos/alunas em aprender, os mencionados com a indisciplina. No entanto, os mesmos, em nenhum momento reconhecem, a sua atuação pedagógica alicerçada em uma prática pedagógica tradicional, prejudicial ao processo do ensino e da aprendizagem, corroborando cada vez mais para o problema questão da indisciplina.

Não podemos esquecer que a aprendizagem não depende da passividade do aluno/aluna, mas, de aulas dinâmicas, criativas, participativas, capazes de despertar o interesse do aluno/aluna.. É interessante destacarmos que existem no processo de ensino e aprendizagem dois elementos importantes: professor e o aluno/aluna. Aqui se destacou apenas o aluno/aluna e os aspectos relacionados ao ambiente escolar ou questões externas apontadas como origem dos problemas de indisciplina.

É importante atentarmos também para a origem do problema da indisciplina procurando minimizar através de algumas medidas preventivas a serem tomadas pela escola, família e sociedade em geral. A escola precisa rever uma maneira de organizar o seu trabalho pedagógico, encaminhando as ações e decisões, procurando dividir responsabilidades com todos da instituição, e, não assumir uma postura de incapacidade ou até mesmo de comodismo.

Portanto, sugerimos que a escola possa perseguir alguns desafios para minimizar a indisciplina tais como: desenvolver um trabalho em função do Projeto Político Pedagógico alicerçado nos valores, entre outros o respeito ao outro; promover a formação continuada dos professores. Logo, o professor compreender que a ação pedagógica implica num repensar e aperfeiçoar continuamente, no sentido de construir o processo das relações interpessoais saudáveis, conjuntamente, escola-comunidade escolar, pautadas no respeito ao outro, no companheirismo, na participação por meio do diálogo, para que assim todos possam adquirir consciência em torno de alternativas para prevenir e combater a indisciplina no ambiente escolar.

Enfim, esperamos que esse estudo, de alguma forma venha a contribuir com os professores que estão interessados em fazer uma reflexão sobre a indisciplina no ambiente escolar.

ABSTRACT

Cliquez ici pour afficher le texte de la discipline et les conséquences du processus de traitement de la copie, des modifications et des mesures de base, comme le font 3, 4 et 5ème de base. Las. Il n'y a pas de commentaire sur le mois de mai ou le week-end 2008, dans les écoles publiques, dans Campina Grande-PB, dans les salles de conférence. Parlez-en à votre sujet, mais pas à la manière de Vasconcellos (1999, 1998); Aquino (2003, 1998); La Taille (1999); Freire (2001, 1999), entre autres. Analyse de la qualité de l'eau, analyse de la performance de Bogdan et Biklen (1994), telle qu'elle est décrite sur Estudo de Caso, (TRIVIÑOS 2008). Informations sur les sociétés, les problèmes graves et les difficultés de la décision, généralement nécessaires pour les éducateurs et pour les enseignants, ainsi que pour les processus de traitement et les procédures de traitement.

Keywords: Indiscipline. School. Learning.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. É tudo uma questão de contrato. **Anais do Congresso Internacional de Indisciplina e Agressividade na Escola: prevenção e intervenção.** 12 a 13 – março/2005. Sapiens – Centro de Formação e pesquisa. – Fortaleza-Ceará.

AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina:** o contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Moderna. 2003.

_____. **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 2000.

_____. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação, USP,** São Paulo, vol.24, nº 2, p.181-204, jul./dez. 1998.

ARAÚJO, Ulisses F. **Os direitos humanos na sala de aula:** a ética como tema transversal São Paulo: Moderna. 2001.

_____. Respeito e autoridade na escola. In: AQUINO, J. Groppa. **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas** (Org.) São Paulo: Summus, 1999.

BOGDAN Robert, BICKLEN Sári, **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 1994.

FREIRE, Paulo; Shor Ira. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** 40º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LA TAILLE, Yves de. Autoridade na escola. In: AQUINO, J.P. (Org). **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

PASSOS, Laurizete Ferragut. O sentido dos desafios no cotidiano escolar: da autonomia decretada à autonomia construída. In: AQUINO, J.G. (Org) **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1999.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia.** Rio de Janeiro. Forense, 1970.

_____. **Seis estudos de Psicologia** Rio de Janeiro. 24ª Ed. Forense Universitária. 1999.

REGO, T. C.R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva Vygostiana. In: AQUINO, J. G. (Org) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

ROVERE, Maria Helena Marques. **Escola de valor: significando a vida e a arte de educar.** São Paulo: Paulus, 2009.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.** São Paulo: Gente, 1996.

_____. **Quem Ama Educar!** São Paulo: Editora Gente, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos.. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** São Paulo: Libertad, 1999.

_____. **O desafio da (in) disciplina em sala de aula e na escola.** São Paulo: Libertad, 1998.

WEISS, Maria Lúcia. Indisciplina ou problemas de aprendizagem. **Revista Construir notícias** Recife, nº 17, ano 03, p.12-4, julho/agosto, 2004.

ZEN, Maria Isabel Dalla. (Org.) **Projetos pedagógicos: cenas de sala de aula.** Porto Alegre: Mediação, 2001.